

Lúcia Murat, diretora

‘O filme discute a ética’

BRASÍLIA — No salão verde da Câmara dos Deputados, a cineasta Lúcia Murat dirigiu algumas cenas do seu novo longa-metragem, “Doces poderes”, orçado em R\$ 500 mil. Enquanto os técnicos preparavam os cenários, Lúcia conversou com O GLOBO sobre cinema, televisão e a falta de incentivo às produções nacionais.

O GLOBO — Como surgiu a idéia de filmar “Doces poderes”?

LÚCIA MURAT — O filme é a mistura de duas idéias. A primeira é cenográfica. Acho que os interiores de Brasília nunca foram explorados. A segunda surgiu mais ou menos em 1990, quando permaneci uma temporada fora do Brasil. Quando voltei, vi que grandes amigos meus estavam fazendo campanhas políticas. É um filme que discute a questão da ética no final de século e como isso se dá num país subdesenvolvido como o Brasil e as formas de pressão a que as pessoas estão submetidas.

O GLOBO — O filme questiona tanto a ética do parlamentar quanto a do jornalista?

LÚCIA — Sim. O filme mostra como isso se dá. Como as pressões se dão. Mostra os bastidores do poder e os bastidores da mídia. Acho interessante, pois é a primeira vez que estamos fazendo um filme, no Brasil, em cima de televisão. Eu, como jornalista, acho que tenho todo o direito de pegar pesado.

O GLOBO — Até que ponto ele é ficção e até que ponto ele é realidade?

LÚCIA — Ele é absolutamente ficcional. Claro que a gente escreve a partir de informações da realidade. Mas não se trata de um filme realista.